

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: 06.10.83

Pg.: _____

Juruna, o humor do antropófago

INÁCIO ARAÚJO

O cacique Juruna frequenta, de duas maneiras, as telas de televisão: nos programas jornalísticos e nos humorísticos. Nos primeiros, desfila frases cortantes e sintéticas, comentando quase sempre com pasmo o Brasil-branco que lhe cabe habitar.

Durante o recente episódio em que foi ameaçado de cassação, inúmeros de seus colegas parlamentares saíram em sua defesa com a teoria de que, por ser índio, Juruna é parcialmente incapaz. *Juridicamente, pode ser.* Para os telespectadores, nunca. Nós o vemos como o estrangeiro capaz de nos trazer uma visão original. Quando Juruna passeava de lá para cá com seu célebre gravador debaixo do braço, a adocicada visão de um povo que miscigena as raças e que tem como valores nacionais a quebra dos preceitos instituídos ou a cordialidade, se desfez mais ou menos como nuvem: Juruna, estrangeiro que vem de dentro, fazia um seu limite da tecnologia branca e nos lembrava, antes de qualquer outra coisa, que a mítica elasticidade ética brasileira existe — em grandes linhas — para promover um mais eficaz controle das minorias étnicas (negros, por exemplo) ou à sua pura e simples aniquilação (caso dos índios).

O Juruna de gravador em punho — imagem tantas vezes ironizada nos canais de televisão — nos atualizava, dramaticamente, com o triste bacharelismo que domina a vida pública pátria: domínio onde se fala e fala para não dizer nada. Nós, brancos, já estamos acostumados. O índio, não: para ele, a palavra é materialização de uma idéia;

para o branco, algo que deve se perder "no éter". Juruna pôs em cena, no mais límpido estilo oswaldiano, a luta do índio eletrônico contra a tradição radiofônica.

O principal equívoco de Jô Soares ao satirizar o cacique-deputado em seu programa semanal é, sem dúvida, não ter percebido a modernidade de Juruna: sua capacidade — que o torna uma figura tão própria para a TV — de dizer muito em poucas palavras. É um personagem em parte humorístico porque, como os grandes cômicos, nos joga de forma inesperada diante daquilo que, secretamente, nos incomoda. Ao contrário, o personagem de Jô Soares é chato por não se dar conta desse aspecto em Juruna. Impossível satirizar os humoristas. E como não registrar a rápida e cortante resposta de Juruna ao tipo criado por Jô: "Por que ele não satiriza também o Presidente da República?" Boa pergunta que ficará resposta. Pergunta de humorista.

O "caso Juruna", sua exploração pela TV, nos remete a outro estrangeiro que vem de dentro: Antônio Ermírio de Moraes. Direto e sem sutilezas, lembrou-nos recentemente que o Brasil tem um povo bom e trabalhador, mas uma elite — no mínimo — despreparada (poderia dizer predatória sem ser grandemente injusto). Cada um à sua maneira, esses personagens desafinam o coro dos contentes: lembram que nossa miséria vai muito além da atual crise econômica. Sair dela — a longo prazo e de forma consequente — exige no mínimo romper com as pequenas, cotidianas acomodações a que estamos tão bem acostumados.